

Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos - PEJ

Coordenador: Prof. Vicente Dobroruka

Universidade de Brasília
IHD - Dpto. de História
Brasília -DF- 70910-900

www.pej-unb.org

"S. JERÔNIMO E A INTERPRETAÇÃO ROMANIZANTE DA 'QUARTA BESTA' DE DANIEL"

VII SEMINÁRIO DE ESTUDOS DE APOCALÍPTICA / I SEMINÁRIO
INTERNO DO PROJETO DE ESTUDOS JUDAICO-HELENÍSTICOS - PEJ -/
I SEMINÁRIO DO GEA, 28 DE NOVEMBRO - 01 DE DEZEMBRO 2006

Diego Lopes da Silva

História / 6o. período

Prof. Vicente Dobroruka



Resumo / abstract

O trabalho desenvolvido visa demonstrar as diversas interpretações existentes relativas à figura da quarta besta mencionada no livro de Daniel, analisa-se que tais interpretações visam focar a realidade presenciada pelo criador de sua interpretação tanto no meio judaico quanto o cristão, dentre as interpretações analisadas neste trabalho visou dar ênfase na judaica antiga, a qual o quarto animal bestial descrito é o império helenístico, na figura de Alexandre Magno, o grande rei helenizador dos povos pagãos e que através de um reinado forte visava unificar todas as culturas do mundo conhecido, fato que é abominável aos olhos dos judeus, outra das diversas interpretações que chama atenção é a romana, onde autores como Flávio Josefo, o escritor de 4Ezra e São Jerônimo defendem arduamente em seus escritos, analisando a quarta besta como o império romano, tendo com uma figura temível e inimiga pelos maus-tratos e opressões feitas ao cristianismo nos primórdios da fé cristã, e como tudo que era conhecido no mundo relacionava-se de algum modo com Roma, a análise romana visa fazer uma zona de intersecção entre o livro de Daniel e o *Apocalipse de São João*, tentando mostrar que a quarta besta é o mesmo símbolo de Ap 13, que é uma besta que emerge da terra, mostrando Nero como o grande perseguidor do cristianismo e dos santos.



S. Jerônimo e a interpretação romanizante da 'quarta besta' de Daniel

O objetivo deste *paper* é mostrar como se articularam as diferentes interpretações dadas ao longo dos tempos ao capítulo 7 do livro de Daniel, principalmente quando se trata do quarto animal misterioso, isto é a quarta besta. Para tal mostrarei como a interpretação do trecho bíblico foi mudando e adquirindo novos formatos e novas interpretações ao longo dos séculos, seguindo em conformidade com a evolução política e social do mundo. Também mostrarei as interpretações a posteriori, que ignoram a temporalidade do texto e o projetam para um futuro com desfecho escatológico, juntamente com a idéia desenvolvida por David Flusser (1917-2000), o qual vincula a imagem desenvolvida pelo visionário autor do livro de Daniel a figura de um rinoceronte, observando uma possível influência do Romance de Alexandre do Pseudo-Calístenes sobre o autor de Daniel - através de uma passagem semelhante na Vida de Apolônio de Tyana de Filostrato. Logo Flusser vai buscar não uma nova interpretação em si no quesito do desenvolvimento das monarquias mundiais, mas vai além buscando identificar o que era tal animal assombroso que vira o autor do livro canônico.

Primeiramente, é necessário entendermos os acontecimentos empreendidos durante o período da escrita do livro de Daniel, e em parte a mentalidade do autor a fim de que possamos achar uma saída plausível para a explicação dos fenômenos históricos oriundos da divisão da história global em quatro grandes impérios mundiais. O autor de Dn busca explicar os acontecimentos históricos com uma periodização em quatro grandes impérios: o babilônico,



medo, persa e o grego, relacionando cada um desses impérios a metais em ordem decrescente de valor conforme encontramos (Dn 2:31-45) e em (Dn 7:3-14) os impérios são simbolizados por meio de animais fantásticos. Quando da redação final de Dn, a Judéia estava sob o domínio do imperador selêucida Antíoco IV Epifanes que governou a Judéia de 175-163 a. C. Seu governo foi marcado por uma das maiores revoltas da história judaica, conhecida como Revolta dos Macabeus.

As causas imediatas dessa revolta foram à proibição de culto ao Deus dos judeus e sua substituição por divindades gregas, à profanação do Templo de Jerusalém e o sacrifício de animais considerados imundos no propiciatório do Templo. Tais circunstâncias provocaram na população judaica um sentimento de ódio interno aos valores helenísticos, fato que o redator final de Dn, contemporâneo a revolta, relata propondo um período de setenta "semanas de anos" para a purificação da nação de Israel¹.

Logo se observa na leitura do segundo² Daniel que existem valores ao qual o visionário nos quer transmitir, dentre os principais vê-se: a necessidade da nação de Israel se arrepender³ de seus pecados e se chegar a Deus, de não se contaminar com valores estrangeiros, isto é helenísticos, de exclusividade judaica e sua escolha pela parte de Deus como nação pura e imaculada, e o principal que é o ódio ao governante que visava helenizar a Judéia a

¹ O período de "setenta semanas" para a purificação da nação de Israel é uma reinterpretação Jr 9:2.

² Segundo os estudiosos do livro de Daniel, o livro é de autoria composta, isto é, houve mais de um autor que escreveu o livro não sendo de autoria de uma única mão, entretanto há interpretações que admitem que foram dois autores e outros que colocam mais de dois, Eu particularmente acredito que a leitura de Dn 1-6 indica um autor, e do 7-12 outro, observando as figuras de linguagem e o meio ao qual desenvolve a narrativa.

³ A idéia da teodicéia, isto é da Justiça Divina permeia grande parte dos escritos sagrados, mostrando que Deus é Amor, mas também pune aqueles ao qual escolheu pelos seus erros e falhas.



força e que buscava inserir no imaginário da nação judaica que não seria mais necessário o culto a sua divindade, antes Zeus Olímpio era quem deveria ser adorado e não Yahweh, visto que o deus vencedor era o deus grego e não o judaico. Ao longo da exposição vamos compreender as explicações sobre a visão do autor de Daniel, e suas interpretações possíveis ao longo dos anos.

Dentre a grande variedade de interpretações propostas ao texto bíblico de Dn 7, a primeira visa mostrar as sucessões das monarquias mundiais como uma percepção das tribos que pertenciam ao Reino do Norte⁴, isto é, as monarquias seguiriam a seguinte interpretação, a primeira besta seria a Assíria, visto que foi ela que subjuguou o Reino do Norte a segunda besta seria a babilônia, a terceira seria a fusão do reino medo-persa, e a quarta nosso foco de estudo seria o império helenístico sob a figura do grande General Alexandre, o Grande, o objetivo de tal interpretação seria mostrar não a Grécia, mas a cultura desenvolvida pelos gregos como o grande mal a ser combatido, visto que os "santos" já estavam se contaminando com a perversidade das nações pagas. Logo se torna viável a construção de uma idéia de consumação dos tempos, tendo como âncora o império helenístico, que dominava não só as ações da época, mas também as mentalidades e a cultura.

Logo, os judeus não aceitavam o culto às divindades gregas empreendido pelos helenísticos, além do mais que nesta época eles tinham acabado de serem libertos da

⁴ A divisão do trono real em Israel se deu posterior a morte de Salomão, as doze tribos antes unificadas agora aparecem divididas em dois grandes troncos, o primeiro chamado Reino do Norte, onde está presentes as 10 tribos, também é chamado nas escrituras canônicas como Reino de Israel, o outro Reino é chamado reino do Sul, onde está a tribo de Judá e Benjamim, a divisão ocorreu devido a pressão imposta por Roboão, filho de Salomão a população, fazendo ameaça de aumentar a carga tributaria da população, que já era alta no período de reinado de Salomão, aproveitando a situação; Jeroboão filho de Nebate, dá um golpe visando usurpar o trono, porém não é totalmente bem sucedido.



dominação assíria e com o fim dessa dominação houve um fenômeno de purificação da idolatria do povo de Israel, fato que vemos constante ao longo da história judaica, os judeus do Reino do Norte viam a dominação dos seus irmãos do Sul com forma de juízo divino sobre estes e que logo a mão do Senhor iria pousar sobre as nações pagas com forma de juízo como se observa no livro de Isaias, que o mal seria destruído e num tempo pequeno. Logo, o reino helenístico como conseguira unificar a grande variedade de lugares e reinos em torno de uma administração política durante o reinado de Alexandre e cultural única se via como a figura da quarta besta, pois ela trazia mais iniquidade e mais abominação ao mundo, na visão analisada como a desolação da abominação. Para o Reino do Norte o Messias viria para livrar a nação de Israel, mas antes ela teria que ser purificada e só se tornaria "santa" depois de passar pela peneira de Alexandre e seus sucessores.

A segunda interpretação relativa a quarta besta relaciona também ao império helenístico, entretanto a interpretação é proposta pelo povo participante do Reino do Sul, os habitantes das tribos de Judá e Benjamin, que na visão proposta pelo autor de Dn (que estaria cativo pela Babilônia pelo imperador Nabucodonosor). Nesta interpretação os quatro reinos que representam a sucessão das monarquias mundiais são: Babilônia, medos, persas e os gregos.

Na visão proposta pelo autor de Dn, o mundo estava passando por um processo de incredulidade e desvalorização das coisas divinas, a nação de Israel estava passando por um momento de apostasia, onde grande parte de seu povo não mais creditava a glória a seu Deus, antes valorizava mais a atuação cultural helenística do que as leis e costumes dados por Deus ao povo judeu. A situação era horrível no



contexto da fé judaica⁵ a contaminação e o envolvimento com outros povos e culturas eram proibidos, conforme se lê em Lv 20:26.

Observa-se com a situação de paganização da fé judia, vê-se a necessidade de se recriar, ou melhor dizendo se apropriar de idéias apocalípticas a fim de trazer a alusão a necessidade de um retorno as origens da fé, sem mistura e contaminação com a cultura helênica de adoração de divindades estranhas e práticas não condizentes com a Torah, logo o autor de Dn vê na figura do imperador Antioco IV Epifanes, um homem ímpio por causa de sua obsessão por helenizar a Judéia e destituir as práticas religiosas dos judeus, afim de padronizar o culto as divindades gregas em todas as áreas da Judéia e em todo mundo selêucida.

Entretanto, como o historiador Flávio Josefo menciona, Antioco IV não sabia que um dos fatores mais importantes do judaísmo e a necessidade do culto á Iahweh, e sua substituição por Zeus Olimpico seria uma grande blasfêmia ao nome do Senhor e ao povo judaico, e promoveria um conflito em grandes proporções como fora o conflito dos Macabeus. Observa-se então que o autor de Dn tende a rejeitar as supostas propostas de Antioco IV, fixando assim sobre ele a imagem da quarta besta sobre Alexandre, o qual começou o processo de helenização do mundo conhecido sobre a figura de Antioco fixa a imagem do chifre blasfemo, que seria um prolongamento deste processo de modificação cultural que como forma de provação de Deus para o povo judeu seria necessário adentrar ao território da Judéia, a fim de que tivesse a separação dos "santos" e dos

⁵ Como fator helenizador de suma importância para o povo judaico vemos a figura do ginásio onde a população judaica praticava suas lutas com povos de outras nações, com o corpo untado por óleo e fazia algo com se fosse uma re-circuncisão, isto é uma cirurgia na qual voltava ao estado original conforma vemos descrito no livro de I Macabeus contemporâneo do autor de Dn.



"impuros", os que buscavam não se contaminar teriam como recompensa a ressurreição dos mortos e a vida eterna, já aqueles que aderiram as práticas pagas participariam da ressurreição, porém para a vergonha e humilhação eterna como se vê em Dn 12:1-2.

Analisa-se que a figura da quarta besta se faz necessário a fim de que o remanescente judaico não se contaminasse com as abominações feitas pelas nações pagãs, logo cria tal figura mítica e temível a fim de trazer espanto e temor aos judeus, mostrando que Deus estava no controle permitindo que o império helenístico tivesse tamanha atuação na Judéia sob o tronco selêucida a fim de que se mostrasse no período da luta e perseguição os verdadeiros santos e incorruptíveis do Deus Altíssimo.

Na perspectiva histórica as "setenta semanas de Daniel"⁶, seria o tempo de perseguição de Antioco IV, desde a profanação do Templo em 167 até sua morte em 164, mostrando que seu reino cruel e ímpio teria a duração de aproximadamente três anos e seis meses

A terceira interpretação, dita "romanizante", baseia-se na idéia do império romano como o ultimo das sucessões das monarquias mundiais, segundo esta interpretação os impérios seguiriam a seguinte ordem; o primeiro seria o Babilônico, o segundo o Medo-Persa, o terceiro o helenístico e o quarto seria o Romano. Nesta visão o animal terrível e espantoso apresentado em Daniel seria uma profecia que teria seu cumprimento no advento do império romano, através de suas conquistas e expansões sucessivas se tornou um império de proporções mundiais, fazendo assim com que os judeus se

⁶ As setenta semanas de Daniel se encaixam nas profecias ditas ex-eventus, isto é, o autor da profecia a profere depois de ter acontecido, isto nos remete a ligação do ano em que foi confeccionada a obra (164-162), e o tempo de lutas e perseguições vividas pelo próprio autor de Dn.



subordinassem às determinações políticas, econômicas e culturais do império; com isso as orientações religiosas dos judeus estariam sufocadas pela cultura romana⁷, assim os judeus passaram por inúmeros problemas diante da dominação romana, fatos registrados parcialmente pelo historiador Flávio Josefo contemporânea da Guerra dos Judeus contra os Romanos que se iniciou no ano de 66 d. C, o conflito segundo Josefo teve como uma das causas para sua eclosão à peculiaridade religiosa dos judeus que não aceitava a dominação e imposição da cultura romana e sua divindades no meio judaico, os judeus sem dúvida muito mais cruéis que os seleucidas fizeram uma varredura total, buscando eliminar todos os que não se curvassem a seus deuses e nem cultuassem ao imperador como Deus.

Outro fator que nos ajuda a compreender tal interpretação é o advento do cristianismo e sua expansão, através da mensagem de Cristo e de seus apóstolos, uma mensagem de um evangelho igualitário, que beneficiaria os pobres e humildes, e numa mensagem claro contra a tirania e a imposição através da força. Logo, os cristãos primitivos viam em Roma a alusão daquele animal terrível mencionado em Dn 7, visto que as perseguições empreendidas pelos imperadores romanos nos séculos I e II eram constantes ao cristianismo, as atrocidades chegaram a ponto de Nero⁸ incendiar Roma e colocar a culpa nos cristãos e no apóstolo

⁷ Entende-se por cultura romana uma derivação latina da cultura helenística, desde seus aspectos estruturais até as divindades os romanos copiaram, a fim de mostrarem que em grandeza nada deviam ao mundo helenístico e como nação dominante deveria submeter os deuses gregos a uma mudança de nome, passando assim para versão latina.

⁸ Imperador Romano tido como um dos mais cruéis e sanguinários dos imperadores romano, era tido como louco por muitos, sendo uma figura apocalíptica de abominação e imundícia.



Paulo⁹ ser condenado à morte por decapitação por pregar a Jesus Cristo como único Deus Salvador e Redentor.

Logo com tamanhas perseguições os cristãos primitivos, os chamados: cristãos da patrística viam em Roma o cumprimento da profecia de Dn 7 da "quarta besta" e de Dn 2 das pernas de ferro da estatua do sonho de Nabucodonosor, visto que fora sob a vigência do império Romano que Jesus Cristo foi condenado à morte, e seu sangue puro e imaculado foi vertido pela injustiça de Pôncio Pilatos. Como Jesus na visão cristã de homem-Deus como menciona Is 53:1-5 levou todos os pecados e injustiças da humanidade, ele como Santo e Justo teria que punir o império romano pela violência¹⁰ cometida contra os cristãos por estes o adorarem e prestarem culto a seu nome. Logo, a expectativa de um desfecho da história ganha ares dramáticos no livro de Apocalipse de João, o único apocalipse cristão aceito no cânon das escrituras, neste livro vemos a forte influência da perspectiva da quarta besta em Dn 7 e da besta que emerge do mar em Ap 13. Nesta vemos a alusão implícita ao império romano, como aquele que persegue e mata as "testemunhas" fieis de Deus e as almas daqueles que foram mortos pela perseguição pedia vingança ao Senhor. Em Ap 17:8, vemos uma citação que deixa explícito para o leitor que a nova babilônia que será consumida pelo juízo divino é Roma.

Observa-se que os pais da Igreja buscavam fazer um estudo conjunto dos livros de Dn e Apocalipse de João a fim

⁹ É considerado pela grande maioria dos estudiosos no Novo Testamento como o homem que expandiu a fé cristã, sendo a grande pessoa do cristianismo depois de Jesus Cristo, autor de 13 epístolas que compõem o cânon do Novo Testamento, trás como mensagem à salvação e vivificação pelo arrependimento e perdão pelo sangue de Jesus .

¹⁰ Para termos uma idéia da violência cometida pelos romanos aos cristãos vê segundo a tradição da igreja nos mostra a morte de Pedro, o apóstolo foi na cruz de cabeça para baixo, Timoteo, discípulo de Paulo, segundo a tradição foi amarrado em um cavalo e arrastado pelas praças de Roma.



de que pudessem apresentar uma doutrina de escatologia para a Igreja, neste contexto enquadra-se São Jerônimo, autor da patrística que viveu aproximadamente de 340-420, autor da tradução em latim das escrituras sagradas denominada Vulgata, fez um estudo comparativo sobre o livro de Daniel e Apocalipse e encontrou neles inúmeras similaridades, entre as quais está a interpretação da quarta besta, isto é Jerônimo via na figura do império romano o fim da história, ele acreditaria que o mundo romano era o único a englobar a tamanha perversidade proposta pelo autor de Dn, pois foi neste mundo que mataram o filho de Deus, e neste mundo que não respeitava os cristãos e os judeus, apesar de ter vivido numa época posterior as perseguições São Jerônimo, via que a suposta trégua e adoção por parte do governo romano do cristianismo como religião oficial do império, apenas como a chamada falsa paz, que sucederá a tribulação.

Dentro da expectativa de São Jerônimo era questão de tempo, a fim de que os romanos novamente se revoltassem contra os cristãos e voltassem a perseguir e mata-los, o mal só cessaria quando o próprio Senhor Jesus Cristo retornasse para realização do juízo divino, para justificar sua interpretação diante da já formulada por Hipólito no século II, ele justifica se "na realidade a quarta besta mencionada em Dn fosse Antioco IV, Epifanes, então por dedução o Messias e Salvador teria que ser Judas Macabeu", nisto ele se baseou para desenvolver o rol doutrinário da igreja católica, entretanto na própria palavra no hebraico Ungido, quer dizer libertador, então pode se aplicar a Judas Macabeu, pois ele foi o libertador daquele jugo instituído por Antioco IV.

São Jerônimo busca respaldo para utilização de sua interpretação em livros considerados apócrifos como é o caso do IV Ezra, que faz menção explícita a Roma como



ultima monarquia mundial e também a Flávio Josefo, que por ser cidadão romano, "puxava a sardinha" para seu lado, mencionando Roma como ultima monarquia mundial. São Jerônimo é um dos primeiros estudiosos a buscar fazer um estudo comparativo entre Dn e Ap, e analisa-los buscando uma resposta única que atendesse aos dois contextos diferentes.

A quarta perspectiva interpretativa acerca da quarta besta o império romano restaurado (interpretação "tribulacionista") mira a expectativa Messiânica da volta triunfal de Jesus Cristo a fim de resgatar o remanescente que guarda as suas palavras e que permanece no seu amor. Essa nova versão foi moldada nos primórdios da fé cristã, entretanto foi remodelada no século XIX através do estudioso J.N. Darby, que propôs sete dispensações que englobam toda a história global, sendo essas: Inocência, Consciência, Governo humano, Patriarcal, Lei, Graça e Milênio.

Segundo esta perspectiva estaríamos na dispensação da graça que teve inicio depois da morte de Jesus, e irá se concluir quando o próprio Cristo retornar na sua segunda vinda e estipular o milênio, nesta perspectiva, a escatológica segunda volta de Cristo é dividida em duas etapas, na primeira ele voltará e arrebatará o remanescente que permanecera incorruptível nos ares e ocorrerá a transformação do corpo em um corpo glorioso, juntamente com os mortos que ressuscitarão conforme está descrito em I Ts 4.13-17, nos ares serão julgadas as obras e entrará no céu a fim de gozar um período de sete anos chamada bodas do cordeiro¹¹. Na Terra, surgirá a figura do Anti-Cristo,

¹¹ Um período de sete anos no qual as pessoas salvas estarão nos céus glorificando a Deus, enquanto na Terra teremos o período da Grande Tribulação.



aquele que se opõem a tudo que é de Deus conforme vemos em II Ts 2, esse Anti-Cristo firmará um pacto com a nação de Israel durante sete anos, e na metade, ele rompe o pacto fazendo assim eclodir na terra todas as maldições previstas no livro de Dn e Ap, essa interpretação visa fazer uma união das mensagens de Dn e Ap, mostrando que na verdade o foco é o mesmo, uma perseguição futura que terá sobre o mundo, e que apenas sairão por ela salvos aqueles que forem fieis até o fim, dentro desta versão vemos diversas escolas teológicas como a pré-tribulacionistas¹², a pós-tribulacionista¹³ e amilenista¹⁴, elas mudam quanto ao foco e a situação porém nenhuma delas discordam acerca de que haverá uma segunda vinda de Jesus Cristo e que o AntiCristo aparecerá sobre a face da terra, nesta perspectiva então a quarta besta será o anti-cristo que levantara sobre a face da terra, segundo os estudiosos desta escola neste período vai se cumprir as profecias da setenta semanas de Daniel, visto que segundo eles ainda falta uma semana para se cumprir, um período de sete anos, que será o período de governo do Anti-Cristo. O Fim da perseguição será quando Jesus, o Messias renegado pelo povo judeu aparecer nos ares, e todos os judeus se curvarem e adorarem a Jesus com Ungido de Deus, e ele com seu sopro jogará a "quarta besta", o anticristo e seus falsos profetas na Geena, no lago de fogo e enxofre. Aí a Terra passará por uma transformação a fim de que o homem possa passar por ela.

¹² Essa escola acredita que Jesus voltara para arrebatara a Igreja antes do período chamado de Grande Tribulação e do advento do Anti-Cristo.

¹³ Essa Escola teológica acredita que a vinda de Jesus é apenas em uma única etapa e que resgatará os salvos e que estes passaram pela grande tribulação a fim de serem provados por Deus e se acharem dignos de habitar no novo céu dado por Deus, essa escola acredita que a volta de Cristo é somente a descrita em Ap 20.

¹⁴ Essa escola não acredita no milênio, diz que falta provas ao longo das escrituras para termos numa doutrina sobre o milênio.



Analisa-se que esta perspectiva lança para o futuro, realçando a necessidade da vinda do Messias, para resgatar os que guardam as suas promessas, e mostrar o erro cometido pelos judeus a crucificar Cristo, o Filho de Deus.